

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Prof. João Carneiro

Textos de Apoio VII

ACERCA DA LITERATURA MOÇAMBICANA

CEAA
1977

CONSTITUTIONAL HISTORY OF THE UNITED STATES
BY JOHN C. CALHOUN

LITERATURE OF THE UNITED STATES

Vol. 1. 1800-1850

Vol. 2. 1850-1860

Vol. 3. 1860-1870

1870-1880

Foi com autêntica surpresa e deslumbramento que, em 1958, pude conhecer a poesia que se estava a fazer em Moçambique. Surpresa, por ser completamente desconhecida em Portugal; deslumbramento, por encontrar nela uma linguagem já diferenciada da metropolitana, a caminho de exprimir a autêntica realidade moçambicana, os girassóis de cor nova de que falava Craveirinha. Não tive dúvidas então que estava em curso um fenómeno da maior importância: a criação em Moçambique de um instrumento poético original, autóctone. Uma poesia que era já um produto cultural do homem moçambicano. Tive então a certeza de que, naquele território, se tinha iniciado uma profunda transformação, no caminho irreversível da sua emancipação nacional. A conquista de uma língua poética própria, a descolonização a nível da poesia, era, sem dúvida, um sinal por demais evidente. Os ventos da história tão histéricamente ridicularizados pelo fascismo tinham começado a soprar. De regresso a Portugal, usando a escrita comedida a que a censura nos condicionava, pude somente dizer: "...Sem dúvida que uma poesia já mergulhando as raízes na terra e nos problemas vivos da África está nascendo... Esta poesia é assim, por impulso e vocação própria, poesia social e interveniente, como é óbvio. Aliás, o seu canto entronca naturalmente nas vozes de Guillen, Langston, Senghor e Cesaire, pois as coordenadas essenciais que forjaram estas e aquelas são comuns. Parece não ser exagero ligá-la, por outro lado, à poesia do Novo Cancioneiro, no que este movimento representou de uma tomada de consciência da realidade; e será bom não esquecer o que terá significado, como expressão catalizadora e incentivadora do despertar poético do ultramar português, a negra e escandalosa voz de Francisco José Tenreiro, precisamente revelada no Novo Cancioneiro (Seara Nova, Julho de 1959)". Acrescentarei agora que se foi sob o peso da dramática dicotomia negro-branco que se acelerou o processo de descolonização poética, em breve, pela clarificação ideológica, pela completa inserção no real, essa poesia atingiria voz própria, a capacidade de cantar as angústias, os sofrimentos, a esperança do homem moçambicano, independentemente da cor da sua pele. Algo de muito importante (de decisivo) se estava gestando então em Moçambique. O esforço pela construção de uma língua poética própria, capaz de exprimir a personalidade criadora do homem moçambicano, assim o denunciava. O anunciava. E este esforço situava-se na vanguarda da luta por uma consciência nacional identificada com as profundas aspirações das massas populares—único caminho para a libertação de quinhentos anos de opressão colonial. A poesia foi assim primeiro arado dessa sementeira sensibilizadora da consciência colectiva, o primeiro navio da viagem da libertação, a primeira bandeira erguida na noite da opressão. Erguia-se, ela mesmo, (dir-se-ia) à consciência da sua missão histórica. Fenómeno, aliás, comum às lutas de libertação nacional nos outros territórios africanos sujeitos ao colonialismo português. Libertando-se penosamente do seu casulo colonial, deixando de ser uma variedade exótica da poesia portuguesa para adquirir a sua identidade moçambicana, os poemas de Nogar, Kalungano e Craveirinha apontavam as profundas transformações que vellozmente se aproximavam. Nas suas estrofes veementes, voz de atabaque chamando, essa poesia não seria já, nesse tempo, uma nova qualidade, a voz anunciadora da Revolução? Em breve, os exóticos girassóis de cor nova iriam cobrir os rins agrilhoados, enflorar a toda a estatura os membros, o tronco e o rosto do homem e da mulher moçambicanos. Florir na sua boca as palavras transformadoras, abrir no seu coração milenário as torrentes da sublevação, a aurora da independência. Com a Revolução, iniciada em 1964, (É este o momento que esperávamos. As armas estão acesas nas nossas mãos. Josina Nachel) o canto e o poema foram, ao lado da arma e da enxada, um instrumento de reconhecimento colectivo, de integração, de crescimento no espaço ideológico que a FRELIMO rasgava e semeava do Rovuma ao Maputo. A poesia e a arte erguiam-se assim à sua autêntica dignidade e missão: servindo as amplas camadas da população, descolonizando-as culturalmente, ajudavam-nas a construir o próprio ros-

to e a definir, com precisão, a face hedionda do inimigo—o colonialismo e o imperialismo. Libertada pela Revolução toda a energia criadora do povo, a poesia pôde desempenhar então o seu papel excepcional de veículo de descoberta e comunicação, de exaltação colectiva, irradiando em todas as direcções do novo homem que nascia, o seu canto vitorioso. Para cantar a determinação da mão que empunhava a arma no combate ou erguia a enxada sobre a terra devastada, para glorificar o companheiro caído na jornada, e o esforço épico das massas traabalha doras edificando, passo a passo, pedra a pedra, sua radiosa pátria popular. Dirigentes queridos do povo, como Josina e Samora Machel, como Marcelino dos Santos (o poeta Kalungano), nas horas de descanso das tarefas de organização ou nas folgas dos combates, não deixaram também de encontrar tempo para colaborar nesse cancionero heróico. Isto diz bem da importância da poesia no processo revolucionário de Moçambique. Interpretando os sentimentos e aspirações do povo em luta, ela resplandecia no fundo do coração dos guerrilheiros, guiava-os no combate, iluminava-lhes, na hora do sangue e da morte, o horizonte a conquistar para além de todos os sacrifícios. A poesia, voz profunda do Homem, foi sempre através da história um apelo de libertação. Foi-o também em Moçambique. Como não havia de sê-lo num tempo e num país em que o Homem humilhado se erguia de armas acesas nas mãos para uma nova caminhada, um novo esforço na construção e libertação do Homem? A tarefa do povo moçambicano, erguendo nas mãos o facho da Humanidade em marcha, ajudando-a a libertar-se de todas as servidões e grilhetas—não podia deixar de ter encontrado, na voz dos seus poetas, as palavras ardentes que a exprimissem. Ouçamo-las com humildade, e sentiremos, talvez como uma brisa, como um vento (semeador), a nova primavera, a pureza do canto dos guerreiros, o amor verdadeiro, o canto para todos, o novo sentido para a vida...

=Papiniano Carlos, Porto, Fevereiro/76, prefácio à antologia AS ARMAS ESTÃO ACESAS NAS NOSSAS MÃOS=

=====

Graças à Revolução em Moçambique, a poesia, como todas as outras artes, deixou de ser privilégio de uma elite, de uma classe. Os colonialistas, os capitalistas ensinaram-nos que só podia ser poeta quem tivesse andado muitos anos nas escolas, tivesse frequentado as universidades, ou seja, aquilo a que eles chamam intelectual. O homem do povo, o camponês, o operário—dizem os colonialistas, os capitalistas—não é capaz de sentir e compreender a poesia, e muito menos expressar-se sob forma poética. O seu desprezo pelo povo, leva-os a dizer que o povo todo é bruto, despido de sensibilidade. Os colonialistas e capitalistas dizem isso mas sabem que é pura mentira. Eles sabem que em todas as civilizações, em todos os tempos, as obras de arte mais belas foram feitas pelo povo ou são a expressão do pensar e sentir do povo. Mas essa atitude deles tem uma explicação relacionada com a sociedade em que vivem. Nas sociedades colonialistas e capitalistas há um pequeno grupo—os opressores e exploradores—que é proprietário de tudo, as terras, as casas, as fábricas, os bancos, o trabalho das pessoas, mesmo a polícia e o exército. E não contentes com isso procuram por todos os meios que a própria cultura seja também sua propriedade privada, procuram excluir dela o povo. Um dos grandes méritos da Revolução é precisamente o de permitir ao povo produzir, libertar a sua energia criadora que esteve sufocada durante tanto tempo. E quando é libertada, essa energia como que explode—e nós vimos o povo produzir coisas maravilhosas em todos os campos—na política, na arte, na técnica, na ciência... Porque é esta a característica essencial da poesia moçambicana de hoje: há identificação absoluta entre a prática revolucionária e a sensibilidade do poeta. A poesia não fala de mitos, coisas abstratas mas sim da nossa vida de luta, das nossas esperanças, e certezas, da nossa determinação, do amor dos nossos camaradas, da natureza, do nosso País. E quando o poeta escreve camaradas avante, ele vai avante; quando ele se alegra de possuir uma espingarda ele empunha-a realmente, como realmente tem nas mãos o calo da enxada e nos pés doloridos as longas marchas que fazemos. É por isso

que a poesia é também uma palavra de ordem. Como uma palavra de ordem, ela nasce da necessidade, da realidade. Enquanto no colonialismo e no capitalismo, a cultura, a poesia, eram divertimentos para as horas de ócio dos ricos, a nossa poesia hoje é uma necessidade, um canto que brota do nosso coração para elevar o nosso espírito, orientar a nossa vontade, reforçar a nossa determinação, alargar a nossa perspectiva.

=Texto do Departamento de Educação e Cultura da FRELIMO, introdução à antologia POESIA DE COMBATE, 1974=

Moçambique é terra de bons poetas e de alguns ficcionistas de valor indiscutível. No volume Poetas de Moçambique, editado em 1960 (e reeditado em 1963) pela Casa dos Estudantes do Império, foram reunidos 27 autores, uns negros, outros mestiços, outros brancos, tão sem preconceitos raciais quanto é uno, sob variados ângulos, o sentido da poesia de quase todos os poetas de Moçambique. Por isso é que já dissemos algures que a coletânea exprimia, no conjunto, a existência de uma poesia tipicamente moçambicana. Rui de Noronha, por exemplo, que é o primeiro poeta do livro, não está assim tão distante de Rui Knopfli, assim como se vê muito próximo de Noémia de Sousa, de Craveirinha ou de Albuquerque Freire. Há uma unidade poética, uma presença moçambicana que se projecta para o futuro, retransmitindo a atmosfera inconformista do presente. Poesia atual, porque já prenuncia também o futuro.

=João Alves das Neves, Rio de Janeiro, 1963, introdução à antologia POETAS E CONTISTAS AFRICANOS=

Na poesia africana de expressão portuguesa houve sempre espaço para os gritos e raivas de um povo secularmente adormecido e ignorante. José Craveirinha, uma das vozes de Moçambique que mais se fizeram ouvir nesse profundo coro de protestos, di-nos no seu poema Grito Negro: Eu sou carvão! / E tu arrancas-me brutalmente do chão / e fazes-me tua mina, patrão. / Eu sou carvão! / E tu acendes-me, patrão, para te servir eternamente como força motriz / mas eternamente, não, patrão. A poesia de José Craveirinha é amassada na dura realidade de um quotidiano de que o poeta tem justa lucidez. Os seus poemas ou cantigas evocam sempre símbolos directos de uma visão real, bem amadurecida em sua consciência: Máquina começou trabalhar / Com farinha de pilão / Nasceu milho, nasceu machambu de feijão / Nasceu máquina grande no Deus de alcatrão. / Máquina começou trabalhar / Com farinha de pilão!

E a voz humaníssima de Craveirinha junta-se também a de Kalungano (pseudónimo literário de Marcelino dos Santos, um dos chefes políticos da FRELIMO) num poema que é um grito de emancipação: Ó sol do meu país / Ó sol de Moçambique / filho esquecido nasci pobre / sobre a terra de meus pais / Baila ó sol do meu país / baila sobre a terra / de mangueiras e cajueiros / do alto das copas verdes / de novo eu serei rei.

E este mesmo apelo de emancipação repercute-se na voz pessoalíssima e generosa de Noémia de Sousa: Quem terá estrangulado a voz cansada / de minha irmã do mato? / De repente, seu convite à acção / perdeu-se, no fluir constante dos dias e das noites. / ... / Iô mamamô, quem terá fuzilado a voz heróica / de minha irmã do mato? / Que desconhecido e cruel cavalo-marinho / a terá fustigado até matá-la? / ... / Ó África, minha mãe-terra, diz-me tu: / Que foi feito de minha irmã do mato, / que nunca mais desceu à cidade com seus filhos eternos / (um nas costas, outro no ventre), / com seu eterno pregão de vendedora de carvão?

Ou ainda a mesma inconfundível voz de Noémia de Sousa nesse belo poema Deixa passar o meu povo: E enquanto me vierem de Harlem / vozes de lamentação / e meus vultos familiares me visitarem / em longas noites de insónia, / não poderei deixar-me embalar pela música fútil / das valsas de Strauss. / Escreverei, escreverei, / com Robeson e Maria gritando comigo: / Let my people go / OH, DEIXA PASSAR O MEU POVO.

Mas a paisagem e a gente moçambicana ganha nova dimensão na poesia de Rui

Knopfli, uma das vozes mais cultas e europeizadas na sua expressão poética: Para lá/da noite angustiada/monótono acalento ergue/a voz./No inescrutável, nas sombras,/nos recantos recônditos de agónica noite/África desperta.../

E na Elegia a Mamana Isabel outro poeta de Moçambique (Rui Nogar) aponta os sinais da colonização portuguesa em termos poéticos directos e incisivos. É a mesma forma de utilizar realmente a poesia como arma, de dizer em verso e com ironia a amargura que sente na alma: Os jornais o disseram/morreu António Cae-tano/velhíssimo velho colono./Lutou por Moçambique/no tempo do Gungunhana./Lu-tou por Portugal/durante a Grande Guerra./Lutou e venceu./Só agora foi venci-do: morreu./Os jornais o disseram/mas eu sei ah! dolorosamente eu sei/quem morreu não foi ele/foi mamana Isabel./

Na diversidade das condições geográficas em que se situam, os poetas africanos de expressão portuguesa souberam sempre alinhar as suas vozes no mesmo coro: um grito unânime contra a opressão e a escravatura. Daí que se verifique uma perfeita unidade poética em todos eles—unidade toda feita no desvendar das mesmas angústias e incertezas, um grito poético que se quer fazer ouvir longe e elevar uma voz quente que, mesmo escravizada política e culturalmente, sempre desejou erguer-se do chão fértil do continente africano e dizer que não serão mais os condenados da terra povoada, colonizada e sugada pela presença de brancos quase sempre sem escrúpulos de nenhuma espécie. Tal como afirma Mário de Andrade, no prefácio à sua antologia, do grito ao canto e do canto ao apelo, trata-se de reforçar a armadura poética da contestação e tomar conta dos elementos culturais da afirmação nacional. Poesia de circunstância (como é definida por muitos dos seus poetas), a verdade é que em todas as vozes se afirma a memória da África, como dizia David Diop, numa espécie de anúncio para a madrugada nova que há-de fecundar em plena liberdade os povos irmãos do continente africano de expressão portuguesa. A vitória política dos movimentos africanos em Moçambique, Angola, Guiné e noutras zonas geográficas, antes de o ser no terreno de uma luta sem tréguas, foi-o realmente no campo da poesia, através de um modo de expressão que soube sublimar pela voz poética os sofrimentos reais de povos que cedo se recusaram a ser os condenados da terra. Assim, pois, a vitória dos movimentos políticos da FRELIMO, do PAIGC e do MPLA foi também (e acima de tudo) a vitória de que a poesia é sempre uma arma política de consequências imprevisíveis.

=Serafim Ferreira, Lisboa, Outubro de 1974, introdução à antologia RESISTENCIA AFRICANA=

=====

=====

=====